

EDUCAÇÃO E SAÚDE COMO VIA DE AÇÃO POLÍTICA

CERES BRAGA AREJANO*

RESUMO

A proposta da educação e saúde como via de ação política necessita de uma ética social responsável e solidária que permeie as práticas e os saberes da educação e da saúde como garantia de um desenvolvimento social e econômico humanizado, onde o ser humano possa ser o eixo dessas políticas.

PALAVRAS-CHAVES: educação, saúde, política, ética, solidariedade.

ABSTRACT

The purpose of education and health as a way of a political action is based on a social ethics of responsibility and solidarity that allows the practices and knowledges of education and health to be a warranty of a humane economic and social development, where the human being may be the focal point of those policies.

KEYWORDS: education; health; politics; ethics; solidarity.

O destino dos que não entram na universidade pode ser ventilado antes dos seis anos.

BOURGUIGNON

Além do elevado grau de desnutrição, o conjunto dos brasileiros padece das mais primitivas doenças, tendo em seu território populações inteiras com lepra, dengue, tuberculose, doença de Chagas, malária, etc.

CRISTOVAM BUARQUE

Já não é mais possível negar as implicações econômicas, sociais e políticas na educação. No processo de globalização econômica, o papel da ciência e da tecnologia no mundo atual não tem resolvido o grande problema da desigualdade social entre os seres humanos. A desigualdade aumenta em escala global, entre "desenvolvidos" e subdesenvolvidos. Por isso,

*Psicóloga, ex-cordenadora do Centro de Atenção a Saúde Mental da Secretaria Municipal da Saúde/Rio Grande-RS e Doutoranda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

estejamos ou não de acordo, a ação educativa não pode deixar de ser política, da mesma maneira que a política tem que ser pedagógica. Concordamos com Gutierrez (1988) quando disse: "... educar é socializar, é preparar indivíduos para uma sociedade concreta e ideologicamente definida".

Em nosso país, quase cem milhões de pessoas vivem na pobreza. Destas, quase sessenta milhões sobrevivem em condições de miséria, e nada menos do que vinte milhões em total indigência. A quase totalidade dessa população sofre de doenças abolidas em quase todo o mundo: lepra, dengue, esquistossomose, tuberculose, mal de Chagas e outras, produzidas por falta de higiene, de atendimento médico ou do mínimo nutricional.

Esta realidade não se formou espontaneamente, nem poderá se transformar de modo espontâneo. É fruto da engenharia macroeconômica aplicada para realizar a arcaica modernização do país, nas últimas décadas.

Acredito que todos nós queremos sim a modernização do país, mas como primeira condição o atendimento das necessidades básicas da população e a busca da igualdade entre todos.

As políticas de educação e saúde no Brasil, hoje, como ao longo de sua história, desprezam aqueles que estão marginalizados psicologicamente, social e economicamente. O analfabetismo, assim como as epidemias, é tolerado quando restrito aos bolsões de pobreza.

A educação e a saúde são necessidades intrínsecas dos processos sociais, porém, a saúde é vista, nesse mesmo social, como uma forma de incrementar a produtividade e o lucro, e o sistema educacional tende a legitimar a reprodução dessa mesma sociedade injusta.

O homem marginalizado por esta sociedade é um homem dominado e oprimido. Oprimido porque não lhe é possível decidir sobre si próprio, e dominado porque é subjugado culturalmente nos seus valores mais profundos: sua forma de vida, sua visão de mundo, suas crenças e costumes.

Werneck (1984), ao discutir o tema educação e sociedade, apresenta como definição da inter-relação de ambas (educação e sociedade) um conceito ao qual me filio: "... a educação de certo modo cria o modelo de sociedade em que se desenvolve e é criada por ela. Nenhum problema, nenhuma atividade, nenhuma questão em educação pode ser reduzida a um conjunto de técnicas e métodos. Haverá sempre uma cosmovisão, uma ideologia que não de interferir em todo o esforço de Investigação científica e de ação educativa".

Partindo dessa colocação, não seria possível pensar em uma proposta educativa que se limitasse apenas a desenvolver as potencialidades do indivíduo. Buarque (1991) reforça esta idéia quando diz: "... A deseducação da população brasileira é parte do processo de modernização, na medida em que a opção sócio-econômica definiu objetivos que se chocam com a prioridade à educação" (Buarque, 1991).

A educação é a única forma de intervenção no mundo. Intervenção

que, além do processo ensino-aprendizagem, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

A validade do processo educativo está no fato de que este guarda uma direta relação com as possibilidades de modificar profundamente os modelos de vida existentes, na esperança de um futuro melhor.

O futuro está altamente presente nos centros de ensino, já que estes procuram formar o cidadão do amanhã. Assim, a educação é um processo voltado para o futuro, processo que não só será válido pelo número de metas e propósitos, mas pela riqueza e criatividade com que for vivido em cada um dos seus instantes.

A despeito da aparente separatividade das coisas no cotidiano, das classificações e dicotomias que estabelecemos intelectualmente quando da utilização dos termos: sujeito-objeto, interior-exterior, eu-outro, corpo-mente, matéria-espírito, felicidade-sofrimento, vida-morte, este mundo-outro mundo, precisamos desenvolver a percepção da interdependência entre os vários planos em que transitamos (pessoal, comunitário, social ...) e as áreas do conhecimento (educação, saúde, economia ...) de forma não-fragmentada, não-compartimentada, para que possamos compreender a realidade à nossa volta, o mundo em que vivemos e como este funciona e determina o cenário e os modos de vida à sua volta.

A mortalidade infantil média, em nosso país, ainda assusta, a desnutrição é um dos principais problemas de saúde pública nas cidades brasileiras entre menores de cinco anos. A imensa maioria dos municípios não dispõem de dados confiáveis sobre as condições de saúde e doença da sua população. Os dados coletados rotineiramente são afetados pelo sub-registro e pela falta de padronização. Este fato, se não impede, pelo menos dificulta o conhecimento da realidade, por parte dos gerenciadores da saúde. Sobre este assunto, Juraci César (1997) refere que para planejar e promover intervenções adequadas em saúde é necessário que se relacionem as ações de saúde com o padrão de utilização de serviços de saúde pela comunidade. Somente com uma ação política de saúde cuidadosa, no que diz respeito às informações representativas sobre aqueles grupos que mais adoecem na população, é que se poderá avaliar a efetividade dos programas existentes e obter um planejamento de ações específicas de saúde a partir de medidas simples e de baixo custo.

Vale destacar que, nos últimos anos, houve grandes progressos na ciência médica, porém socialmente a população continua vivendo e morrendo de doenças comuns e evitáveis como diarreia, desnutrição, dengue, leptospirose, malária...

Observa-se, portanto, que existe uma necessidade de **harmonização** entre a realidade social, o exercício da medicina e a formação profissional (educação).

Portanto, se queremos que haja uma transformação na realidade ora observada, o que se precisa é avançar na proposta da **educação e saúde**

como via de ação política. E para que esta se concretize se necessita de uma *ética social responsável e solidária* que permeie as práticas e os saberes da educação e da saúde como garantia de um desenvolvimento social e econômico humanizado, onde o ser humano possa ser o eixo dessas políticas.

Neste momento, vivemos com políticas de saúde que visam o lucro e os interesses corporativistas. Estas mesmas políticas parecem não pensar na saúde dos sujeitos, mas sim demonstram uma certa visão comercial baseada na lucratividade da doença.

Na mesma medida, a educação parece não estar sendo utilizada para a promoção e o desenvolvimento do povo, ou seja, para garantir ao indivíduo uma visão de mundo em que o ser humano e natureza sejam respeitados e os bens de capital possam ser acessíveis a todos e na mesma proporção.

A educação continua funcionando a favor da ideologia dominante e faz com que esse mesmo ser humano, se alheie e desconheça os mecanismos que influem nessa proposta educacional que reafirma a sua marginalização, a sua ignorância e o seu desfavorecimento econômico como responsabilidades pessoais e não como fruto da estrutura de um sistema de desenvolvimento proposto pelos centros de poder.

O futuro é inevitável, e nele as alternativas serão fatalmente buscadas.

Cabe à atual geração enfrentar esse **desafio** e **propor** as transformações necessárias à **educação** e à **saúde**.

BIBLIOGRAFIA

1. BUARQUE, C. *A desordem do progresso*. 3. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra,1991.
2. CÉSAR, J. A., HORTA, B. L. *Desigualdade e perversidade* : epidemiologia do adoecer no Extremo-Sul do Brasil. Rio Grande : Ed. da FURG, 1997.
3. GUTIÉRREZ, F. *Educação como práxis política*. São Paulo : Summus, 1998.
4. WERNECK, V. R. *A Ideologia na Educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes,1984.